

EDIÇÃO 03 OUT/NOV 2020

VUKÁPANAVO

ISSN 2596-2426

REVISTA TERENA - MS - BRASIL

PANDEMIA DA COVID-19 NA VIDA DOS POVOS INDÍGENAS





CONSELHO DO POVO TERENA

Equipe Terena

Daniele Lorenço Gonçalves

Eder Alcântara Oliveira

Elison Floriano Tiago

Erick Marques

Evelin Tatiane da Silva Pereira

Luiz Henrique Eloy Amado

Simone Eloy Amado

Zuleica da Silva Tiago

Capa

Erick Marques

Vukápanavo: Revista Terena

nº 3, p. 1-400, out./nov. 2020

ISSN: 2596-2426

<https://www.vukapanavo.com>

Apoio: Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS); Fundação Oswaldo Cruz, via projeto “Aprimoramento do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, através do desenvolvimento de estudos técnicos, pesquisas científicas e ações estratégicas, essenciais para a diversificação, ampliação e qualidade dos serviços de saúde prestados aos indígenas”.

Mato Grosso do Sul - Brasil

SOBRE MÁSCARAS, FUMAÇA E FOGO DOMÉSTICO: EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES KAIOWÁ NA PANDEMIA DA COVID-19

Valdelice Veron¹

Sílvia Guimarães²

Resumo: Este artigo pretende discutir o cenário da Covid entre os povos indígenas do Mato Grosso do Sul, especialmente os Kaiowá. Traz reflexões sobre o tempo da pandemia e como esse é compreendido pela temporalidade indígena e como as mulheres indígenas Kaiowá concentram conhecimento, dinamizam uma epistemologia e criam estratégias de cuidado para lidar com a Covid.

Palavras-chave: Kaiowá; Covid; Mulheres indígenas.



O cenário e o tempo da Covid

As notícias da chegada da Covid em território indígena em março de 2020, no Brasil, foi percebido pelas mulheres Kaiowá da Terra Indígena Taquara, em Mato Grosso do Sul (MS), com um aumento da presença da Força Nacional. Não sabiam se de fato essa presença se dava pela Covid ou se era alguma ordem de despejo contra as retomadas dos territórios tradicionais Kaiowá. Elas sabiam que não é possível esperar qualquer ação humanitária por parte do governo bolsonarista com os povos indígenas, a Força Nacional não estaria ali para protegê-los da Covid.

De acordo com Boaventura de Sousa Santos (2020), o coronavírus é nosso contemporâneo, não pela simultaneidade, mas por agudizar as contradições do nosso tempo. Seguindo o argumento do autor ser contemporâneo do coronavírus é estar consciente da falência do sistema capitalista e provocar re-existências diante da distopia. Significa, portanto, vivenciar outras temporalidades como nos informa Gladys Tzul Tzul (2020), quando povos indígenas, quilombolas e outros coletivos produzem arquipélogos políticos:

La existencia de éstas comunidades indígenas podemos pensarla como un inmenso archipiélago político que vive y se antepone a la totalización del capital y el Estado-Nación en todo el continente. En tanto archipiélago, esas comunidades existen expandidas, en escalas pequeñas e interrumpidas, a lo largo de toda Latinoamérica. (TZUL TZUL 2020, p. 1)

1. Doutoranda DAN/UnB. E-mail: valdeliceveron@yahoo.com.br.

2. Professora DAN/UnB. E-mail: silviag@unb.br.

Para Gladys Tzul Tzul, nesta pandemia, as comunidades se manifestam frágl, mas, suas ações projetam energia para se refazerem. Como informa Tzul Tzul (op. cit), os povos indígenas do estado do Mato Grosso do Sul (MS) vivem essa contraposição ao Estado nacional e mercado e ao mesmo tempo produzem energia para re-existir.

Em maio, a Covid começa a se expandir entre os indígenas de MS. Em Dourados, uma indígena trabalhadora do frigorífico da JBS, fora contaminada. Em 28 dias, o número de pessoas contaminadas na reserva aumentara para 86. Em nota, do dia 10 de junho de 2020³, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) denunciou a política de morte do governo Bolsonaro. Esse não conteve o alastramento da Covid para o interior do Brasil, mesmo sabendo da violência do contágio, criou uma paralisia estratégica, não criou planos de ação efetivos de contenção, não se preparou com estrutura material e humana, se omitiu em auxiliar os trabalhadores de frigoríficos, situação já conhecida mundialmente por ser local de contágio em potência.

No dia 17 de maio, indígenas Guarani e Kaiowá divulgaram carta⁴ denunciando a falta de assistência do governo federal em conter a disseminação da Covid nas aldeias do MS. Nessa carta, eles denunciam a negligência do governo em não se preparar para combater a Covid nos territórios indígenas do MS. Também, se reportam ao projeto do governo Bolsonaro em pôr fim a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), criada em 2010 para atuar na promoção e prevenção da saúde em territórios indígenas na atenção primária. Tal projeto tem como finalidade a municipalização da saúde indígena. A Covid escancarou as precariedades dos serviços de saúde e incapacidade da rede municipal de arcar com a atenção primária em território indígena, tendo em vista sua fragilidade na estruturação da média e alta complexidade com leitos hospitalares e todo a estrutura que deve operacionalizar esses leitos. Planejamento, criação de estrutura material e humana são elementos que faltam e faltaram em todo esse processo para lidar com a saúde indígena. Isso é ainda mais contraditório, tendo em vista que, no Brasil, há todo uma rede que relaciona a atenção à saúde indígena nos territórios – o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SASI) – com o Sistema Único de Saúde (SUS). Percebe-se que essa rede, que foi um direito conquistado pelos povos indígenas, está sendo destruída e, com a Covid, acelera-se o projeto do governo bolsonarista.

3. Confira: <https://cimi.org.br>.

4. Carta dos Conselhos tradicionais Guarani e Kaiowá Aty Guasu (Assembléia Geral do Povo Guarani e Kaiowá), Kuñangue Aty Guasu (Grande Assembléia das Mulheres Guarani e Kaiowá), RAJ (Retomada Aty Jovem), Aty Jeroky Guasu (Assembleia geral dos Nhanderus e Nhandesys), em <https://www.brasildefato.com.br>.

Após a confirmação de Covid na indígena trabalhadora do frigorífico, o governo manteve sua paralisia estratégica. Assim, ciente da forma de vida coletiva dos povos indígenas, da superlotação nas reservas da Dourados e de não ter realizado compartilhamento de informações sobre a Covid entre os indígenas, de acordo com a nota do CIMI, o serviço de saúde orienta a indígena a ir para sua casa, fazer isolamento social. Desse modo, transformou e vem transformando as próprias pessoas, pais, mães, filhas e filhos indígenas em armas biológicas contra os seus. Ao realizar uma orientação equivocada como essa, indicando que a pessoa deve fazer isolamento em sua casa, o Estado não se revela somente ignorante ou com desconhecimento sobre os modos de viver dos povos indígenas, mas sim ciente em decidir transformar a pessoa em uma fonte de contágio em sua comunidade. A história se repete como narrou Darcy Ribeiro (1997) sobre o fato ocorrido no sul do Maranhão, no início do século XIX, quando fazendeiros “presentearam” indígenas com roupas contaminadas com a varíola. Ou, como acontece hoje em MS, quando os fazendeiros próximos ao território Kaiowá estrategicamente dispõem recipientes que continham veneno para que sejam pegos por crianças. Essas cenas se replicam no tempo e no espaço ao longo do Estado brasileiro porque não se fez e não se fazas pessoas pagarem pelos crimes que cometeram e cometem.

Os indígenas no estado do MS vivem uma vida extrema entre monocultivos e a violência de usurpadores de seus territórios e vidas, eles estão vendo seus corpos e territórios sendo atingidos e criminalizados sob a marca do coronavírus, uma força a mais na colonização. Foram contaminados em frigoríficos, onde trabalhavam, e agora são acusados pelos brancos de carregarem o vírus. Os Kaiowá relatam que em suas idas às cidades estão sendo hostilizados porque são vistos como disseminadores da Covid, mais uma vez vemos o racismo se acoplar ao coronavírus.

No estado do Mato Grosso do Sul, os Kaiowá vivem uma “guerra sem fim” em seu território, o qual está em disputa. A terra Kaiowá é a eterna colônia, como afirma Achille Mbembe (2018), vivem na fronteira, onde estão os Outros que devem ser aniquilados, onde a escolha sobre quem deve morrer e quem deve viver já foi feita. O racismo move a “máquina de guerra” (MBEMBE, 2018), move os serviços de saúde indígena ou que se transfiguraram no governo Bolsonaro. Expulsos de seus territórios, da possibilidade de produzir seu alimento, de cuidar dos seus, de movimentar suas vidas, a Covid se acopla a essa máquina de guerra, vulnerabilizando ainda mais os Kaiowá. Mas, esses re-existem contra mais esta investida.

Na Terra Indígena Taquara, todos se reúnem e tomam a decisão de controlar o fluxo na comunidade. Essa estratégia está sendo usada por mui-

tas comunidades indígenas, a entrada se restringe a funcionários de saúde ou em casos de emergência. O problema é que o governo também não cuida dos profissionais de saúde, pelo contrário, expõe os mesmos com a falta Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), testes para detectar a Covid e esses seguem com seu trabalho, adentrando os territórios indígenas, hospitais e transformando-se em vetores do contágio em território indígena.

Diante desse cenário, percebe-se por todo o Brasil, especialmente nos rincões, os quais são alvos prediletos de ausência de atuação por parte do governo bolsonarista, surgirem forças se contraponto a sua política de morte. Nesses locais, há uma concentração de estratégias criativas, localizadas, de cuidado e redes de apoio mútuo, que ligam coletivo e pessoas. E há o tempo largo das sociocosmologias indígenas, como afirma Sílvia Cusicanqui (2010), não há “pós” nem “pré” em uma visão da história que não é linear. A história larga do mundo indígena se move em ciclos e espirais, segue um caminho, mas retorna e se multiplica. O passado, futuro e presente se encontram, se expandem, se distanciam e se reencontram a depender do jogo da conjuntura (op. cit: 54-55). Nesse sentido, a pandemia da Covid não é um espanto para os povos indígenas. A ruptura não foi a mesma como aconteceu com o mundo branco, onde o passado ficou preso a um tempo estático, ao papel escrito, onde a memória de outras epidemias, por mais que estejam escritas e documentadas, perderam a experiência da memória corporal que é experimentada pelos indígenas. O branco transforma sua história escrita em uma história morta, fixa no papel. As epidemias do mundo branco estão no tempo passado, não alcançam o presente, por isso as rupturas desta pandemia não é a mesma para todos. Para os ameríndios, esse mal que matou os antepassados ainda existe, ele transita pelo tempo, a Covid aciona a memória de outras epidemias, vividas, sentidas e pensadas, o que leva temporalidades e espacialidades a se conectarem. E aciona memórias que podem ser um desalento ou potência criativa para resistir, mas principalmente são movimento, da fala, da oralidade que permite reunir espaço e tempo.

Davi Kopenawa, xamã e liderança política Yanomami explica sobre tempos passados de um mal que persiste avança:

Assim, meu sogro costuma dizer: ‘Você deve contar isso aos brancos! Eles têm de saber que por causa da fumaça maléfica dessas coisas que eles tiram da terra estamos morrendo todos, uma atrás do outro!’ É o que agora estou tentando explicar aos brancos que se dispuseram a me escutar. Com isso, talvez fiquem mais sensatos? Porém, se continuarem seguindo esse caminho, é verdade, acabaremos todos morrendo. Isso já aconteceu com muitos outros habitantes da floresta nesta terra do Brasil, mas desta vez creio que nem mesmo os brancos irão sobreviver. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 371-372)

Essas são palavras que se referem a ações que se refazem no tempo, que dizem respeito ao modo de vida do branco, à lógica capitalista que molda práticas e está ativa nos processos de colonização que se perpetuam no mundo ameríndio.

Agora, é preciso falar desse tempo largo Kaiowá e os entendimentos desse povo sobre a Covid, para tanto, uma pausa é feita, neste momento da escrita. Para retornarmos no tempo e no espaço assim como a fala de Kopenawa.

Na Terra Indígena de Taquara, em outubro de 2019, quando o sol estava saindo, *Maxuypy*, anciã que tem grande sabedoria do povo Kaiowá, estava sentada ao redor do fogo, no seu barraco feito de lona e sapé. Ela estava cantando o canto de purificação da terra. Terminando o canto, ergueu-se e fez o chimarrão na chaleira de ferro da época do mate Laranjeira. Tinha muitas ervas e raízes na chaleira. Então, ela falou que teve uma visão, viu o céu sangrar, ouviu muitos choros. Então, Valdelice Veron que havia sentado ao lado da *Maxuypy*, falou para ela que em um lugar muito longe, ouviu-se dizer que surgiu uma doença chamada coronavírus. A anciã olhou para a porta olhou para o céu, respirou fundo e falou que é uma doença sem dono. Doença que não vemos. E anunciou que eles deveriam se preparar, vamos preparar nossas ervas, raízes, cascas dos nossos remédios e vamos enviar os nossos cantos sagrados para *Hyapygwasuva*, o grande ser do firmamento. Valdelice falou que essa doença estava muito longe, não iria alcançá-los. Mas a anciã explicou que a doença já está em todos os lugares. Elas terminaram o chimarrão, em seguida se alimentaram e a anciã pegou o facão e a sua inseparável sacola de levar no mato e saíram para buscar ervas. A anciã cantou na entrada da floresta e pediu os remédios certos, as plantas, raízes e cascas de árvores e essas apareceram. Elas colheram os remédios e retornaram, fizeram várias garrafas contendo os remédios e entregaram para todos na aldeia.

Um tempo depois, em dezembro de 2019, à meia-noite, Valdelice Veron ouviu a anciã tocar o *mbaracá*. Então, ela foi ver o que era, o que tinha acontecido. O céu e a lua estavam como se fosse de dia. A *Maxuypy* estava perto do fogo, cantava o canto das forças sagradas. As duas cantaram juntas por um bom tempo, depois a anciã sentou e falou, que teve uma outra visão, que o *Jekoakwi* veio alertar que a terra e os rios, o mato e os seres que vivem nela, estavam ameaçados. Afirmou que lugares sagrados foram violados, que vidas inocentes foram violadas e que por isso os guardiões da terra estavam em alerta, que o *Gwarujépyas* acudiu as asas, que *Mboi-veveypy*, a grande cobra que voa estava em alerta. Valdelice Veron ouviu tudo e ficaram por um longo tempo olhando o céu. A *Maxuypy* explicou que Valdelice deveria observar o céu e ela mostrou o grande caminho da

Gwaripi (a grande ema) e ela disse que o caminho do *Gwaripi* também se mexeu. E assim, amanheceu.

Qual cena do tempo será vivida, haverá uma regressão, progressão, repetição ou superação? Como afirma Silvia Cusicanqui (2010), será vivida a depender das ações e das palavras que movimentam a ação. Após acionar o tempo cósmico, largo da história kaiowá, onde grandes antepassados se fazem presentes e movimentam a vida, a *Maxuypy* explica a Covid e como se preparar para vivê-la. Nas palavras da anciã, sobre este momento, ela informa que o grande *Aratatinajusu*, o responsável pela neblina, pela fumaça, pelo ar, conhecido como quatro ventos está muito triste. A mãe grande morcego *Gwarujejusu* também está muito triste, ela segura o firmamento, a fumaça, a neblina. Mas com a destruição da mata, a grande fumaça do mal se liberou, a mãe grande morcego não a segurou por causa da sua tristeza, ela bateu suas asas. Um grande mal sem dono está por aí, avançando, todo mal tem um dono, mas este que está no coronavírus não tem dono. Esse mal não surgiu das divindades, nem dos guardiões da mata, dos rios, do vento, da terra. Ele é *meguan*, o mal sem dono, o mal sem rosto. E os Kaiowá devem cantar e usar seus remédios tradicionais que guardam há muito tempo. As mulheres Kaiowá são as guardiãs desse conhecimento. Devem defender, cuidar e proteger o seu povo e quem mais precisar. Elas devem cantar para que o sol coloque seu cocar assim ele ficará quente e poderá dissipar a neblina do mal, a fumaça do mal. As mulheres Kaiowá estão cantando/rezando, produzindo remédios de ervas sagradas e alimentos que cuidam. Lamentam por aqueles que negam e demonizam seus conhecimentos.

A epistemologia das mulheres Kaiowá e o cuidado com a Covid

Na pandemia, as mulheres Kaiowá – donas do fogo familiar *rataypy*, onde reúnem a família extensa e produzem alimento – seguem compartilhando conhecimento sobre a Covid. As grandes conhecedoras, mulheres mais velhas, as *Maxuypy* são originárias das divindades. Viveram uma formação baseada em princípios essenciais ao povo Kaiowá, que lhes permite serem donas do fogo doméstico, fazerem suas roças, criarem seus filhos, produzirem alimento e compartilharem conhecimento. Essas mulheres juntas com os grandes sábios anciãos, orientam as retomadas, a luta contra a colonização e, hoje, aconselham sobre a Covid. Este artigo está baseado nas falas da grande *Nhandesy* da Terra Indígena Taquara, que serão compartilhadas aqui com todo saber criativo que contém. Esse saber conforma uma epistemologia, permite uma forma de *agir-pensar-sentir*. Para compreendê-lo, é necessário conhecer os princípios que marcam a vida Kaiowá, que se

fazem presentes em momentos ritualísticos de formação⁵ dos Kaiowá para compreender seus ensinamentos sobre a Covid.

De acordo com a *Nhandesy*, as mulheres Kaiowá, são guardiãs de saberes próprios e elas acreditam na responsabilidade que elas têm de transmitir esse ensinamento. Elas são guardiãs da dinâmica da vida e da sociabilidade que mantêm vivo o *tekoha*, local onde viveu seus antepassados, território onde constroem suas casas, acendem os fogos, plantam, cantam e rezam. Continuam fazendo florescer os valores coletivos, a essência da vida, fortalecida por esse ensinamento, que vão dinamizar o *nhandereko*, o bom modo de ser. Ao redor do fogo doméstico, elas colocam as folhas de *nhandytay* verde para que a fumaça se espalhe para que toda a família possa sentir o cheiro e sentir-se bem. Esse fogo familiar não pode apagar, ele mantém o tecido da vida social Kaiowá.

Para falar sobre essa epistemologia, a *Maxuypy Kunha Tapendi Vera* explicou sobre os princípios que regem momentos de compartilhamento de conhecimento, que estruturam a sabedoria Kaiowá. A proposta aqui é apresentar essa narrativa das mulheres, mas não afirmar que é a única, pois outras pessoas, homens, mulheres em outras *tekoha* trazem suas falas e seus conhecimentos. Essa epistemologia da mulher Kaiowá apresentada pela *Maxuypi* de Taquara não pretende ser uma verdade universal, nem se contrapor a histórias contadas pelos homens ou outras mulheres. Cada pessoa tem a sua história a partir de sua vivência e formação, a corporalidade de uma mulher kaiowá se faz de modo distinto de um homem e essa corporalidade detem um saber. Seria como se a epistemologia kaiowá criasse vários caminhos, caminhos que se juntam, que se espraiam, que se dinamizam, que se modificam. Não é um conhecimento estático, mas se movimenta e se amalgama a cada corporalidade que exala e deixa fluir esse saber. Essa definição de episteme marca o mundo indígena, se refere a diversidade de perspectivas, conhecimento incorporado, que aciona espaços e temporalidades e permite a interação no mundo.

Para a *Maxuypy*, 19 princípios marcam a epistemologia kaiowá:

1 – *Teko*. É a vida do Kaiowá e de todo ser que respira em cima e embaixo da terra, no ar, nas águas. São as plantas grandes e pequenas, os

5. Um desses rituais é o da *kunhâkoty* (VERON, 2018) que se trata do momento da vida da jovem mulher Kaiowá reúne todos os princípios que serão elencados aqui, os quais devem, posteriormente, ser vividos e consolidados, ao longo da vida da jovem. Ao passar pelo ritual, o corpo da jovem se forma e ela se torna mulher, assim como se forma sua sabedoria e seus afetos. Mas, não tem fim aí essa formação, ela deve aprimorar o que aprendeu ao longo de sua vida. A partir desse momento do ritual, ela passa a compreender esses princípios e deve vive-lo são constituir sua família, ao ter seus filhos, sua roça, sua casa.

animais do mato, do cerrado, do brejo e todas as aves. Cada uma dessas vidas depende da outra para sobreviver;

2 – *Tekoha*. É o local onde acontece a vida, trata-se do tempo e do espaço concretizado no território tradicional. É o modo de viver na terra tradicional, lugar onde se vive com harmonia. Ali é onde os rituais, que transformam a pessoa em um verdadeiro Kaiowá, acontecem. Esses rituais são os seguintes: *kunhãkoty*, *kunumipepy*, *avatikyry*, *gwahu*, *kotyhu*, *jeroky*, *porahéi*;

3 – *Teko Marane'y*. É a vida sem mal, numa terra sem mal. É viver o bom modo de ser Kaiowá na terra kaiowá, com *óga*, *jeroky*, *porahéi*, *kokwe*, *tape*, *ka'agwy*, *ysyry*, *mymba*. Isso acontece quando se é Kaiowá, vivendo sob a orientação de *Nhandesy*, portanto, quando os Kaiowá: constroem a casa de reza, i. e., o lugar de reunião e encontro dos Kaiowá e os seres imortais; realizam as danças Kaiowá e aprimoram o corpo, ficam leves e brilhantes; cantam e se comunicam com os seres imortais e eles escutam os Kaiowá e sabem que ainda estão aqui, vivos; seguem os caminhos por onde flui a fala Kaiowá e onde se encontram; se relacionam e mantêm a sociabilidade e transitam pelas trilhas (*tape*) que vinculam os Kaiowá em seu amplo território; respeitam as matas (*ka'agwy*); respeitam os rios na pesca, os *ysyry* (rios de pesca); respeitam os animais (*Mymba*, os animais de caça);

4 – *Tekohanhẽẽ* (vida-terra-língua). A vida, o território e a língua são essências da vida Kaiowá, que estão relacionadas. Para ter vida deve haver a terra, local onde a língua Kaiowá se dinamiza, onde o sopro da vida flui. Portanto, sem terra não haverá vida e sem vida não haverá a língua, i. e., não haverá o bom modo de ser Kaiowá. Um canto Kaiowá sempre deve ser repassado na língua Kaiowá e no lugar sagrado apropriado que deve ser território Kaiowá;

5 – *Tekonhẽẽmba'ekuaa* (vida de conhecimento da realidade, da palavra sagrada). Esse ensinamento é repassado pelas anciãs *Maxuypy*. Refere-se ao conhecer a ética Kaiowá, o certo e o errado, e como nos relacionamos com os seres. Mostra como devemos ser sábios para saber respeitar o Outro na caça, na pesca, na hora de lavar roupa no rio, respeitar o lugar de banho dos mais velhos, saber falar na hora certa.

6 – *Tekonhẽẽmborayhu* (vida afetiva, amor). É a vida de amor com os filhos, netos, noras, genros, de filho para com pai e mãe, com filhos e filhas. Mesmo tendo muita fofoca e desentendimentos dentro do convívio, o Kaiowá deve saber contornar a situação para viver uma vida de amor. Esse, geralmente, é o papel das *Maxuypy* das famílias grandes. Essas mulheres devem saber acalmar sentimentos de raiva, não deixar o fogo do amor, da solidariedade e do respeito. É a origem do amor ao próximo (*mborayhuropyta*).

7 – *Tekonhẽẽete* (vida de palavra). A palavra na língua Kaiowá (*nheẽropyta*), o cerne da língua Kaiowá é sagrado, por isso não pode ser proferida de qualquer jeito. A palavra tem muita força, é o sopro da vida. É carregada de compromisso e de valor, representa a verdade. A palavra falada não volta atrás. O Kaiowá deve saber controlar suas palavras, deve saber o que dizer e como dizer, para isso, ele recebe os ensinamentos dos mais velhos e deve viver alguns rituais.

8 – *Tekonhẽẽete* (vida com falar verdadeiro). *Tekoveteeropyta* é o fundamento da fala verdadeira. Na língua Kaiowá, as pessoas são ensinadas que devem saber falar a verdade, sem magoar o outro, dar a palavra para o outro e cumprir o que se fala. A fala não deve ser usada para enganar, mas deve ser verdadeira, sincera e respeitosa. O Kaiowá deve desenvolver estas habilidades ao longo de sua vida.

9 – *Tekonhẽẽanhete* (vida verdadeira). Esta é a verdadeira lição que ensinada aos Kaiowá. É o bom modo de ser e de viver como Kaiowá, jamais devem deixar de ser Kaiowá, seja onde for. É ter auto-estima, saber viver o bom modo de ser Kaiowá. *Tekoveporãropyta* é a origem da vida verdadeira.

10 – *Tekonhẽẽporã* (vida saudável e grata). Este ensinamento é repassado para a criança desde o ventre da mãe Kaiowá até seu nascimento e ao longo de toda sua vida, que deve buscar viver essa vida de maneira bonita, com bondade e gratidão. É o bom modo de ser Kaiowá que deve orientar a vivência de uma pessoa no grupo.

11 – *Tekonhẽẽkatu* (vida de respeito ao outro, justiça e ética). O *Tekokatu* nos ensina a saber viver de modo digno, com lealdade e vida correta. Esse é um conhecimento que retrata o verdadeiro modo de vida do Kaiowá. Ser justo, respeitoso, leal, solidário, são qualidades necessárias para manter uma sociabilidade saudável, verdadeira, digna, com pessoas, grupos sociais e seres das divindades.

12 – *Tekonhẽẽarandu* (vida de sabedoria). É saber viver com a sabedoria que aprenderam com os antepassados, com os imortais, com os mais velhos. Esse conhecimento deve orientar na vida para seguir o bom modo de ser Kaiowá, ensina que se deve ser sábios nas seguintes situações: nas decisões em grupo, ouvir, planejar, criticar, construir, destruir, abandonar, lutar, retomar as terras tradicionais, falar, recuar, projetar. É saber tomar decisões pensando no coletivo, no povo, na mata, no território, nos rios. Enfim, “a vida de sabedoria nos ensina a pensar certo no tempo certo”, como ensina a *Nhandesy*.

13 – *Tekonhẽẽrendu* (saber ouvir e obedecer). Esse conhecimento nos ensina que se deve saber ouvir no momento certo e obedecer aos mais

velhos. É saber ouvir a terra, saber ouvir a mata, saber ouvir os pássaros, saber ouvir os rios, saber ouvir os animais da mata, saber ouvir os animais do campo, saber ouvir os animais do brejo, saber ouvir o bebê na barriga da mãe, saber ouvir o céu, saber ouvir o seu ser. Para saber falar e como falar, o Kaiowá deve aprender a ouvir, primeiro, e isso ele aprende ao longo de sua vida. *Ejeapysakaterhendu*.

14 – *Tekonhẽẽjoja* (vida de coletividade e justiça). Esse conhecimento nos ensina como se deve tratar o outro com igualdade, saber dividir as coisas com as pessoas, a caça, o pescado, o mantimento da roça (*kokwe*), decidir junto, dar a palavra ao outro. É ser generoso e saber que os Kaiowá se fazem no coletivo e se mantêm na reciprocidade.

15 – *Tekonhẽẽmarangatu* (vida sem maldade). O *tekomarangatu* ensina que se deve viver uma vida correta para ter um relacionamento direto com o ser do firmamento. Para que o ser do firmamento ajude e proteja, deve-se ter uma vida espiritual, de fé e sem maldade. Para que o demiurgo *Nhandejáry* ouça e saiba que os Kaiowá estão aqui, vivendo o bom modo de ser, os Kaiowá não podem matar, nem roubar, nem fazer uso de *nheẽrei* (falar mal do outro), tampouco *porojuka* (matar outro indígena). Se isso acontece, e a pessoa uma *tekojevavy* (vida errada). O praticante desses erros não deve mais participar dos rituais do *jeroky*, do *gwahu* e do *gwaxire*. O *Teko Marangatu* é o modo de vida religiosa do Kaiowá. Não seguir este bom modo de viver significa que a pessoa falhou, que os Kaiowá estão mudando, que o ser do firmamento não os escuta mais.

16 – *Tekonhẽẽporiahu* (vida de compaixão). Esse conhecimento ensina a ter piedade do outro e ajudá-lo sempre que necessário nas seguintes condições: quando precisa de ajuda, seja na doença ou na morte na família, na fome, seja no cuidado dos órfãos, na ajuda às viúvas (*tyre'y*), no cuidado dos mais velhos. A vida das pessoas não pode ser ameaçada, caso sua família próxima não esteja mais presente, o coletivo do povo Kaiowá deve cuidar, respeitar, ser solitário com aqueles que necessitem.

17 – *Tekonhẽẽrory* (vida de harmonia). Esse conhecimento ensina que se deve sempre ter uma vida de alegria seja quando for, seja onde estiver, seja nas terras reservadas para os indígenas, seja nas retomadas de terras tradicionais, seja jogado nas beiras das estradas, os Kaiowá devem sempre manter o sentimento de alegria (*py'arory*) para poder sobreviver.

18 – *Tekonhẽẽpu'akaembarete* (vida de força para sobreviver). Esse conhecimento ensina que se deve ter sabedoria e buscar força para viver a vida com coragem: na caçada, na pescaria, para fazer roça, para caminhar, para falar, no agir, no pensar, para decidir, em recuar, para construir, para reclamar, na retomada das terras tradicionais e para sobreviver.

19 – *Tekomboè* (vida de aprendizagem). É o repasse de conhecimento das mais velhas para as mais novas, durante as diferentes etapas da educação indígena, do ciclo de vida da pessoa. Ao longo da vida Kaiowá, o conhecimento é repassado e esse, ao ser ensinado, deve ser vivido nos rituais e na vida cotidiana. É aprender a ouvir os mais velhos, viver os ensinamentos dos mais velhos para se tornar uma boa Kaiowá, saber falar e ter o corpo leve e encantado.

O modo de viver e ser Kaiowá depende de saber viver esses ensinamentos. A palavra-porção vivificante é central nesse processo. A pessoa deve cantar/rezar para que o demiurgo os ouça e saiba que eles estão vivos, só assim o mundo não será destruído. Eles devem saber usar suas palavras, o sopro que flui do falar, o qual é sagrado, é a porção vivificante Kaiowá. Por isso as palavras devem ser usadas com sabedoria. Esses princípios são aprendidos na Tekoha, no território tradicional, na prática dos rituais, no alimentar-se, interagir-se devidamente e cuidar do fluir da vida, quando se respira, se canta e se diz belas palavras. Esse modo de viver e ser contém a fonte de conhecimento para lidar como coronavírus.

Em março de 2020, chegou um papel da Prefeitura para as professoras indígenas, informando que as escolas indígenas teriam que parar porque a doença, o coronavírus era letal e não poderia haver contato próximo. Assim, para manter o isolamento, as escolas deveriam encerrar suas atividades. Também, informaram que todos deveriam usar álcool em gel e máscaras. As formas de prevenção apresentadas não tinham repercussão com o mundo Kaiowá, pelo contrário.

Conforme foi escrito anteriormente, o isolamento somente irá funcionar caso façam barreiras de acesso às comunidades e controlem o contágio entre profissionais de saúde. No caso Kaiowá, várias famílias encontram-se nas estradas, em acampamentos temporários, expostas a todo tipo de violência, inclusive a propagação do vírus. Por conseguinte, a prevenção à Covid passa necessariamente por deixá-las viver em seus territórios tradicionais, de onde foram expulsas. Somente é possível indicar ações de prevenção entre os Kaiowá, se indicar a retomada dos territórios, a garantia da vida em seus territórios. Nesses territórios, estão as matas, estão a terra dos antepassados, as marcas dos antepassados, se refazem as experiências dos antepassados e novas experiências surgem. Esses territórios permitem aos Kaiowá realizarem seus cuidados, seus remédios, suas rezas e seus cantos.

Por sua vez, a máscara, outra prática de prevenção à Covid, significa um *mbora'u* (mau agouro). Usá-la significa não deixar sair a palavra, o espírito sagrado. Em Taquara, a *Nhandesy* ficou incomodada em ter que usar a máscara como uma forma de prevenção à Covid. A anciã teve que ir à cidade buscar seus auxílios e teve que usar a máscara. O uso da máscara,

levada ou não ao rosto de mil formas pelos brancos, para os Kaiowá, abre uma discussão ampla sobre a vida, aciona o tempo do conhecimento. Com a máscara em mãos, tendo que decidir usá-la ou não, a *Nhandesy* passa a sentir e ensinar sobre seus significados e efeitos. A máscara não se refere somente ao uso e contenção do contágio, mas, para as mulheres Kaiowá, se refere ao pensar/usar com alguns efeitos. O propósito não é negar o seu uso, mas refletir. A máscara se opõe a grande a fumaça do fogo doméstico que cura, une e permite compartilhar a vida e se iguala à fumaça do mal que sufoca o sopro vivificante, exalado pelo ar que respiramos. A pessoa kaiowá tem vida quando respira e profere belas palavras. O canto, o sopro, a fumaça do fogo doméstico, todos exalam e refletem a vida. Usar a máscara significa imobilizar o fluir da vida.

A anciã coloca a máscara, por alguns instantes, ela compreende a violência do contágio, da fumaça do mal, que adentra o fluir da vida, e ela se protege, usa a máscara. Com a máscara, ela adentra o espaço/tempo do branco, vai à cidade, lócus do contágio e retorna ao território. Na *tekoha*, local e tempo de viver o bom modo de ser kaiowá, sem a máscara, ela canta, reza e exala a fumaça da vida. Dona do fogo doméstico, ela coloca folhagens que curam, faz o alimento e reúne os seus. Em meio a fumaça do fogo doméstico, cantos, conversas, ensinamentos e alimentos são compartilhados e alimentam a vida kaiowá.

Finalizando ciclose abrindo novos

Em que momento se encontram os povos indígenas nessa pandemia da Covid? Séculos de colonização perduram e esses povos estão lutando contra a expropriação territorial e em se manter vivos. Sobrevivem ao genocídio imposto a eles, cotidianamente, lutam contra várias e múltiplas formas de violência. Lutando pelas retomadas e contra o avanço do capital em seus territórios/corpos é o tempo contemporâneo da Covid.

Os Kaiowá buscam manter suas belas palavras, sua vitalidade e o tecido da vida social consolidado para resistir aos ataques. Os ensinamentos fluem quando estão em seus territórios, por isso, resistem nas retomadas. Com a Covid, buscam a prevenção em chave indígena. Pequenas medidas fortalecem os Kaiowá, como se cuidar por meio de remédios do mato produzidos a partir do seu conhecimento e ouvir suas histórias, viver o tempo largo da sua cosmologia, se alimentar do conhecimento dessas histórias corporalizadas, que dão respostas e ensinam.

A *Maxuypy* assim como outras mulheres indígenas representam um ponto central de resistência à política de morte do governo Bolsona-

ro, elas são alvo de desrespeito aos direitos humanos mais fundamentais como aconteceu com as mães Sanõma que não puderam chorar seus filhos mortos na Covid (GUIMARÃES, 2020). Elas concentram a resistência, elas alimentam e dão vida a pessoas e a um território que é criado por elas. As roças, as plantas coletadas na mata são manejadas por essas mulheres, elas moldam o território com seus corpos, os ensinamentos dessas mulheres criam realidades que afrontam a violência estatal. E elas seguem resistindo, criando pequenos remédios para grandes males.

Referências

CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakaxutxima**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. 1 ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

GUIMARÃES, Sílvia. Sobre mães, bebês e as cerimônias funerárias Yanomami em meio a pandemia da Covid. In: **Boletim extraordinário CAAF/Unifesp de enfrentamento da Covid-19**. 2020. Mortos e mortes da Covid-19: saberes, instituições e regulações V.1, N.12 2020. Disponível em: <https://www.unifesp.br>.

KOPENAWA, D. & ALBERT. **A queda do céu**. SP: Companhia das Letras, 2015.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. n-1 edições, SP, 2018.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Petrópolis, Vozes, 1977.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Coronavírus, nosso contemporâneo**. Site Controvérsia. 2020. <https://controversia.com.br>.

TZUL TZUL, Gladys. Archipiélagos y Voluntad de Vida. **TEOR/ÉTICA**. Documentos Buchaca Generosa. Ed. 02, 17 de abril de 2020.

VERON, Valdelice. **Tekombo'e Kunhakoty**: Modo de Viver da Mulher Kaiowá. Dissertação de Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais. Universidade de Brasília – UnB, 2018.

Abstract: This article aims to discuss the Covid scenario among the indigenous people of Mato Grosso do Sul, especially the Kaiowá. It brings reflections on the time of the pandemic and how it is understood by indigenous temporality and how Kaiowá indigenous women concentrate knowledge, dynamize an epistemology and create care strategies to deal with Covid.

Keywords: Kaiowá; Covid; Indigenous women.

